

GALOPIM DE CARVALHO

Entrevistado por Pedro Foyos

(EXCERTOS EM MODO ÁUDIO)

NOVEMBRO 1996

Esta conversa com o Prof. Galopim de Carvalho decorreu num momento em que Portugal era alvo de especial atenção por parte da comunidade científica internacional no domínio da paleontologia dos dinossáurios. O concelho de Torres Vedras prefigurava-se como um dos mais ricos núcleos mundiais do género. Paleontólogos portugueses pretendiam concretizar projetos de sensibilização das populações rurais nas regiões onde se conheciam casos de ocultação de jazidas fósseis. O Prof. Galopim de Carvalho, à época diretor do Museu Nacional de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, foi notavelmente estoico na luta pela preservação dos achados, também pedagógico e ponderado nos apelos aos agricultores. Enfrentou os poderes públicos, insurgindo-se contra a falta de apoios. Estes chegaram de forma minguada, todavia lograram-se significativas cedências.



Estegosaurio dacentrurus – o "dinossáurio de Moçafaneira" (Torres Vedras)

Abundantes vestígios da fauna e da flora de há muitos milhões de anos continuam a aparecer com uma frequência surpreendente de cada vez que os agricultores empreendem lavouras profundas para renovação das espécies cultivadas. Significativamente, observam-se, amiúde, nos fragmentos desenterrados, elementos fossilizados, como aconteceu com o chamado "dinossáurio de Moçafaneira", o Estegosaurio do género *Dacentrurus* (que significa "cauda muito afiada" – ver imagem) cujos ossos constituem o conjunto mais vasto e completo de quantos foram encontrados até agora no concelho de Torres Vedras.

Muitos cientistas acreditam que esta região poderia converter-se, a prazo indefinível mas que desejam próximo, num dos mais ricos centros mundiais da paleontologia dos dinossáurios. O material osteológico encontrado ultimamente representa tão-só a ponta do icebergue. Acresce, em reforço dessa convicção, a descoberta, também em território torriense, do trilho de pegadas de dinossáurio no alto dos Cucos.

Entretanto, enquanto se aguardam operações investigativas de vulto, os paleontólogos consideram prioritárias as ações de sensibilização das populações a oeste de Torres Vedras, onde alguns agricultores

estão a ocultar achados, com receio de perderem as terras. Existe um plano, acionado pelos dois organismos locais que se têm assumido como polo dinamizador da atividade paleontológica – o Espéleo Clube e a Associação de Defesa e Divulgação do Património Cultural – cuja eficácia dependerá dos apoios que vier a congregar. O projeto consiste numa grande exposição itinerante, elaborada em moldes de atratividade visual e pedagógica, bem como de acessibilidade didática, a ser apresentada nas próprias localidades da região onde se sabe haver dissimulação de jazidas fósseis. Os principais destinatários da mostra seriam os habitantes mais jovens, os quais, uma vez sensibilizados para a importância da preservação dos vestígios, poderiam exercer uma decisiva ação persuasora no seu meio familiar.

O paleontólogo amador Leonel Trindade, coordenador das últimas campanhas de escavações, sublinha que a inclusão na mostra dos próprios vestígios recuperados naqueles terrenos, em especial o esqueleto reconstituído do "dinossáurio de Moçafaneira", poderá concorrer para a educação e informação das populações. Estas captariam «a noção de que um simples osso remoto é suscetível de contribuir para o conhecimento de um animal que viveu ali há milhões de anos», adianta Leonel Trindade. «E não só o conhecimento da vida animal, pois os vegetais fossilizados permitirão recriar, igualmente, no âmbito da exposição, a flora desse tempo longínquo.»

Direitos desrespeitados

Esta realização obteve o entusiástico apoio do Prof. Galopim de Carvalho, personalidade carismática que a opinião pública se habituou a relacionar com a problemática dos dinossáurios. Espírito desassombrado e investigador nato, conquistou o respeito da classe científica. Também a população em geral admira-lhe a tenacidade

demonstrada em inúmeras batalhas, quase sempre bem-sucedidas, em prol da preservação do património paleontológico, com relevo para os casos das jazidas de Carenque e da pedreira do Galinha.

No quadro das ocorrências em Torres Vedras foi inestimável a ação de Galopim de Carvalho, reconhecendo a razão dos agricultores que, atemorizados com as possíveis consequências advenientes da divulgação de achados, decidiam escondê-los. «A verdade é que nem sempre as pessoas são respeitadas nos seus direitos», afirma. «Não existe, por norma, uma contrapartida, nem sequer às vezes compreensão para as contrariedades que resultam do facto de se participar um achado com valor. São as máquinas, os camiões, as escavadoras que de repente invadem os terrenos e os proprietários ficam apavorados na perspetiva dos prejuízos que uma tal situação irá causar-lhes».

Referindo alguns casos concretos, Galopim de Carvalho realça o que sucedeu há tempos no Bombarral: «Tudo parado durante um tempo infindo. Nem a vinha era cavada nem o proprietário era indemnizado, um desespero enorme para aquela gente, apesar de as coisas terem começado muito bem connosco, na base de um relacionamento ótimo. Precisamos de dar a volta a estas situações, pela persuasão, pela educação, mas também não permitindo que as pessoas sofram prejuízos quando comunicam um achado com valor paleontológico».

O papel das autarquias

Em relação à pedagogia que deve praticar-se junto das populações, este cientista considera que tal tarefa competirá aos agentes da educação e da comunicação social, não podendo eximirem-se dessa ação primordial os governantes, a todos os níveis. E acentua: «Os responsáveis autárquicos, por exemplo, deveriam desempenhar um papel fundamental de esclarecimento, mas infelizmente o que verificamos é que muitos deles estão mais interessados nas questões

do imobiliário. Não faltam nas câmaras os arquitetos, os economistas, os advogados... e eu pergunto: não há lugar e orçamento para um só geólogo, em concelhos de uma extraordinária riqueza arqueológica e paleontológica?» Nesta linha de pensamento, Galopim de Carvalho sublinha que são as autarquias que se encontram nas melhores condições para estabelecer um contato direto com as populações, garantindo-lhes com seriedade que os seus interesses não serão lesados em consequência de eventuais intervenções nos terrenos.

No caso concreto de Torres Vedras, esse diálogo, segundo Galopim de Carvalho, deve ser encetado pelo poder autárquico: «A câmara, como entidade que melhor representa os interesses dos habitantes, deveria tutelar a mobilização dos professores, das escolas, dos jovens, das associações, dos próprios vereadores, no sentido de acionarem campanhas e projetos. Esse seria um esforço meritório. E não esqueçamos os jovens. Casos como o de Carenque demonstram serem os jovens que conseguem inverter situações cuja evolução não se afigurava a melhor numa perspetiva de preservação do património».

Bairro da lata

A riqueza paleontológica do território torriense sugere a este investigador a ideia de que deveria ser o próprio presidente da autarquia a sensibilizar diretamente as pessoas para a importância dos achados, persuadindo-as a não os dissimular. Por outro lado, ressalva, «é um facto que, havendo necessidade de prestar indemnizações, o processo poderá ultrapassar as capacidades da administração local e exigir a intervenção do poder central; antes, porém, há imensas coisas que podem fazer-se, e, em geral, nem custam muito dinheiro».

A este propósito, o geólogo observa: «O que surpreende é ver um tema atualmente tão mediático como os dinossáurios, do qual dispomos de tanta matéria-prima e também de imensas boas

vontades particulares, não ser apoiado e aproveitado pelas entidades públicas».

Galopim de Carvalho termina, em tom magoado, aludindo à situação precaríssima em que continua a viver o Museu Nacional de História Natural, «com um orçamento ridículo e onde não existe, sequer, um só investigador científico, o que parece inimaginável num museu nacional consagrado à Ciência». E conclui: «Somos o bairro da lata da Universidade de Lisboa. Chegámos ao ponto de termos de cancelar as assinaturas das revistas estrangeiras da especialidade. A mudança de política governativa não foi sentida aqui, até ao momento. Hoje, como ontem, os cifrões para a Ciência parecem sempre muito grandes...»

© *PEDRO FOYOS*

ADENDA EM MAIO 2012

Foi muito justamente atribuído o nome de Galopim de Carvalho ao Museu do Quartzo, idealizado por este geólogo e inaugurado no Monte de Santa Luzia, em Viseu.